

NA REGIÃO DO RIO NEGRO

Índios criam escola para discutir com os brancos

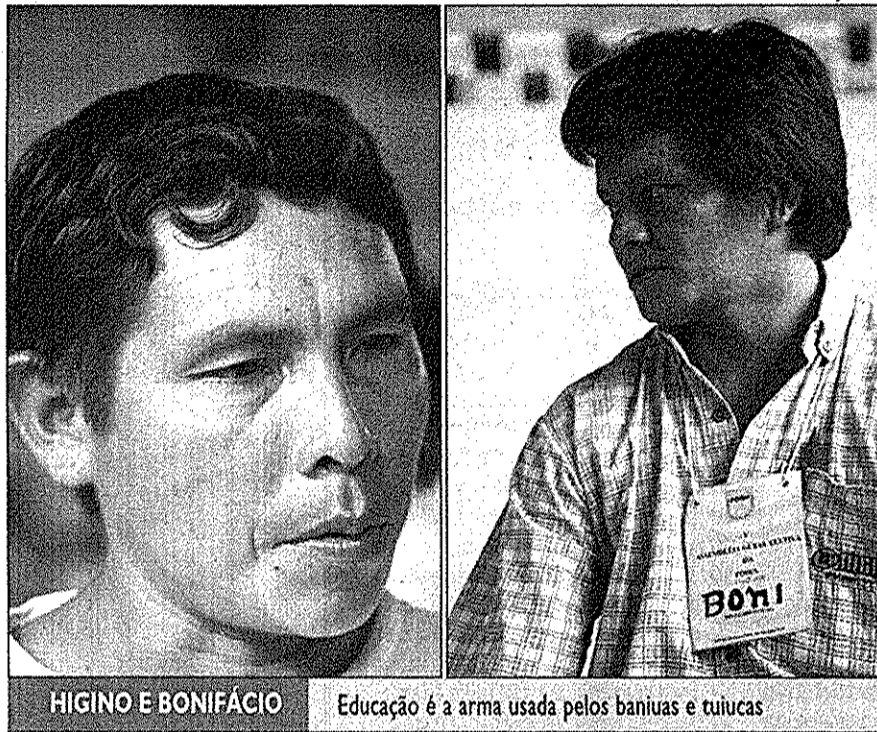
Fotos: Andréia Mayumi

NA REGIÃO VIVEM 22 POVOS QUE VÊM CONSEGUINDO MANTER AS LÍNGUAS NATIVAS E AS TRADIÇÕES

ANA CELIA OSSAME
 ENVIADA ESPECIAL

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AM – Uma escola cujo conteúdo das aulas está voltado para ensinar o aluno a refletir e discutir com os brancos é a novidade que vem sendo experimentada com sucesso nas aldeias dos povos baniuua-curipaco *, tuiuca e tariano *, da região do Rio Negro. É o projeto de educação diferenciada, que vem sendo desenvolvida pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn), explica o secretário geral da entidade, Bonifácio José Baniuua, 31.

Na região do Rio Negro vivem 22 povos indígenas diferentes, num total de 30 mil pessoas, equivalente a 10% da população indígena e da diversidade étnica nativa do País. Eles estão organizados em 42 associações e cada uma das etnias tem sua língua nativa, revela Bonifácio, que candidatou-se à reeleição para a diretoria da Foirn, mas apesar da boa votação não conseguiu votos suficientes



HIGINO E BONIFÁCIO

Educação é a arma usada pelos baniuuas e tuiucas

para permanecer na diretoria desenvolvendo o trabalho.

Mais conhecido como Boni, ele se orgulha por conseguir falar cinco idiomas diferentes. “Eu falo a língua nativa do meu povo, a baniuua, a curipaco, o português, o espanhol e o nheengatu”, disse o secretário, que aprendeu os idiomas na prática. Na verdade, a expansão das línguas indígenas no Rio Negro é uma tradição de alguns povos como os tucano e baniuua. Nessas aldeias, os jovens são estimulados a procurar mulheres de outros povos para

casar e os filhos acabam aprendendo logo a falar o idioma do pai e da mãe, explica Boni.

MODELO DIFERENCIADO

Em São Gabriel (a 858 quilômetros de Manaus), a Foirn promove a capacitação dos professores do ensino fundamental para este novo modelo de educação. Nas escolas, as aulas são movimentadas para sair da monotonia das salas de aulas dos brancos, argumenta Boni.

As diferenças começam pela ausência da figura do diretor,

preenchida pelo líder da comunidade. Mas a administração e decisões da escola são tomadas pela coletividade, ficando os alunos e professores sendo responsáveis não só pela organização das aulas, mas até mesmo pela feita do mingau a ser servido na hora da merenda, para todos da comunidade.

A preparação do aluno é feita de modo a capacitá-lo a enfrentar a vida e até numa escola de branco, garante Bonifácio, para destacar essa preocupação nos conteúdos das aulas de matemática,

história, geografia, ciências e meio ambiente. “Nossos alunos são preparados para refletir e discutir com os brancos a não ser enganados”, afirma Boni.

O projeto educacional implantado pela Foirn em agosto do ano passado, segundo ele, já tem resultados práticos. É reconhecido no sistema municipal de educação de São Gabriel da Cachoeira e já recebeu parecer favorável do Conselho Estadual de Educação. Com isso, o espaço político e a visibilidade do projeto no Município está garantido, afirma Boni.

REVIGORANDO HISTÓRIA

Tuiucas vão lançar cartilha

No processo educacional diferenciado entre os tuiucas, também do Rio Negro, os avanços são significativos. Segundo o professor Higino Pimentel Tenório, 45, seis índios já se formaram no ensino médio no programa que foi iniciado por eles em 1996. Ele destaca o lançamento do primeiro livro, multidisciplinar, que está na fase da editoração e deve sair até o início do ano. Depois de lutar sem ajuda de ninguém, o projeto recebe recursos da Noruega, disse Higino, em convênio sob a orientação do Instituto Socioambiental (ISA). Ele revela que

os professores são preparados para ensinar história, geografia e meio ambiente, por exemplo, em oficinas de trabalho com conteúdos e conhecimentos baseados na cultura do seu povo. “Vamos poder escrever a nossa história, sua origem e seus conhecimentos milenares para deixar para filhos e netos”, comemora ele, que fala sua língua nativa, a tuiuca, e mais a tucano, português e consegue se comunicar em espanhol. Professor há mais de 20 anos, Higino disse que o modelo de ensino é baseado em oficinas. O ensino é bilingüe e o currículo é próprio. “Nós ensinamos a história dos tuiucas, falamos de meio ambiente e geografia sempre procurando exemplos da nossa vida nas aldeias”, explica ele. Os tuiucas, cuja população está estimada em 900 pessoas, vivem no Brasil e Colômbia,

na fronteira com São Gabriel. As oficinas não descartam, por exemplo, o ensino da música tradicional daquele povo, que é um dom reconhecido na região. “Nós produzimos instrumentos e usamos outros dos brancos porque gostamos de música”, afirmou. A escola diferenciada, segundo o professor, conseguiu outros efeitos na aldeia. Estudar os costumes e as tradições revigorou a auto-estima dos tuiucas e isso animou tanto as crianças quanto os idosos. “Nós achávamos que não tínhamos valor até começar a estudar a nossa cultura”, afirma, emocionado, Higino, garantindo que agora os mais novos já crescem com a consciência de que são uma civilização, representam um povo com idioma e cultura que merecem ser respeitados e valorizados.

Higino disse que a maior luta dos índios do Rio Negro tem sido a de vencer a velha idéia da integração à civilização branca. Na visão dele, essa integração só representa destruição das culturas indígenas. Por isso, defende a preservação da língua, cultura e tradições. O professor lembra que a cultura tuiuca quase foi suplantada pela tucano. O povo ficou em minoria, com 85 pessoas, mas agora há 40 crianças, todas falando a língua nativa. Isso, segundo Higino, é o maior sinal de que a língua vai permanecer viva.

* Por norma do Manual de Redação de A CRÍTICA, a grafia dos nomes indígenas não usa as letras suprimidas do português (k, w e y)